

Heimat – um termo abstrato

Wolfgang Theis,

Universität für künstlerische und industrielle Gestaltung Linz

wolfgang.theis@ufg.ac.at

1. Heimat e laços

Quando olhamos para nós mesmos, muitas vezes nos vemos em um determinado cenário, em um lugar que chamamos de 'lar', onde normalmente nos sentimos bem-vindos e onde encontramos nossa própria natureza como indivíduos. Isto é o que os falantes de alemão chamam de "*Heimat*". O termo parece ter um sentido muito particular; muitas outras línguas não têm nenhum termo equivalente, nem uma tradução exata que expresse o significado exato da palavra. A palavra '*home*' do inglês significa um lugar para se viver e também o lugar onde nosso coração está; por isso, quando os falantes de inglês querem expressar este sentimento específico, eles também utilizam a palavra alemã. O dicionário de português apresenta quatro palavras diferentes como tradução de '*Heimat*'. Essas palavras são: casa, lar, pátria, terra. Cada uma delas tem vários sentidos diferentes e, mesmo assim, nenhuma delas pode ser utilizada como uma tradução exata do termo '*Heimat*'. Isto mostra como é difícil para um tradutor manter o significado original de um texto. Sempre é melhor ler o original, se for possível e se o leitor conhecer a língua estrangeira. Algumas palavras simplesmente não podem ser traduzidas mantendo o significado original. Os tradutores, em geral, tentam descrever para o leitor, através de algumas sentenças em uma nota explicativa, o significado da palavra na língua original.

Temos que distinguir entre os termos '*Heimat*' e '*Wohnung*'. É possível encontrar um '*Wohnung*' mesmo em locais como campos de concentração, prisões, ou barracos de madeira nas favelas de uma cidade; mas dificilmente alguém chamaria esses locais de '*Heimat*'. Os sem-terra do Brasil carregam sua 'terra' em seus corações enquanto se movem de um local para outro; da mesma forma, os Kibuzznik de Israel carregam seu 'Eretz Israel' (Flusser, 2007, p. 16). Os poetas, por exemplo, podem definir a língua em que escrevem como seu '*Heimat*'. É algo compartilhado por muitas pessoas, que se vêem ligadas a um termo abstrato sem entender por que isso acontece. Estes são três exemplos de fenômenos que não podem ser descritos, porque laços místicos mantêm o ser humano ligado ao seu '*Heimat*', que é um objeto de afeto. Estes laços se encontram fora do espaço consciente do indivíduo. Eles ligam a pessoa a coisas e outras pessoas do seu antigo ambiente; esses laços podem ser muito fortes ou muito fracos. A força deles depende do indivíduo. O processo de socialização do indivíduo tem um papel importante para determinar essa força. A forma como uma pessoa é criada por sua família e influenciada pelo meio permanece em sua mente e pode ser percebida em seu *habitus*, qualquer que seja a localização geográfica da pessoa após o final do processo de socialização. O processo em si nunca se encerra completamente; mas, quanto mais velha a pessoa fica, mais lento fica o processo; com a idade, diminui a velocidade de aquisição.

Laços e ligações fortes mantêm a pessoa presa sempre no mesmo lugar, independentemente de quanto esta pessoa possa estar sofrendo lá. Sempre haverá

uma desculpa para não deixar o local, para permanecer naquele torrão de terra onde nasceu ou que vê como sua propriedade e seu *'Heimat'*, por pior que seja a situação, seja por motivos pessoais ou econômicos. Naturalmente, sempre é possível que uma pessoa mude de idéia, dê o grande passo e parta para novos horizontes. Este é um ato profundamente individual; e a decisão nunca é fácil. Vários motivos podem desencadear esse passo da migração: amor, educação, ou outros motivos mencionados anteriormente. Todos os mesmos motivos também podem ser utilizados para evitar dar esse grande passo. Uma pessoa que decide deixar o lugar onde está morando vai sofrer. A pessoa definitivamente vai sofrer, porque os laços puxam o migrante de volta ao seu local de origem, causando dor e lágrimas. O migrante sempre vai levar uma parte do seu *'Heimat'* com ele; de alguma forma, esses laços o ligam de volta ao local de onde veio. Para a maioria dos migrantes, esses laços não serão rompidos. Às vezes, leva gerações para romper esses laços, especialmente quando o *'Heimat'* geográfico do migrante é constantemente glorificado e idealizado pelos mais velhos, ou quando as férias e feriados são passados no local de origem, para não perder contato com as origens e com a cultura do local de origem. Isto pode causar muitos problemas, principalmente para as gerações mais jovens, que não se socializaram naquele local, pois já nasceram no país alvo da migração. Essas novas gerações pensam que têm laços com o país de origem, mas elas também têm laços com o país alvo, que muitos vêem como sua terra natal, ou pelo menos como um país de morada temporária. Essas pessoas, então, ficam sentadas em duas cadeiras; elas ficam dilaceradas entre duas culturas, e provavelmente também entre dois *'Heimaten'*. Aqueles que conseguem romper esses laços tão fortes notam que se libertaram de uma carga pesada; eles vão conhecer uma liberdade nova, desconhecida. Esta liberdade que eles experimentam é individual. Não tem nenhuma relação com os conceitos comuns de liberdade. A liberdade do migrante sempre é baseada em uma experiência individual, no livre arbítrio do ser humano. Só é necessário perceber que esses laços místicos não são uma rede de proteção para o migrante; são muito mais como verdadeiros grilhões para o indivíduo.

O migrante não recebe nenhuma orientação prévia. Encontrar-se em um lugar novo já é muito difícil; com o novo ambiente, é comum encontrar também uma nova cultura e uma nova língua, e talvez até uma atitude completamente diferente da sociedade em relação aos seus valores morais. Por isso, muitas vezes esse ato de liberdade pode se revelar uma experiência extremamente difícil; nesse caso, os laços não são rompidos, devido ao medo de perder a própria identidade. Este é o problema da integração dos migrantes: eles têm medo de perder sua identidade; pensam que serão assimilados e não integrados, e não percebem que são livres para escolherem o que querem.

2. De "livre de quê" para "livre para quê"

Ser um migrante sempre deveria ser também um passo em direção à liberdade. A questão do "livre de quê?" se transforma em "livre para quê?" (Flusser, 2007, p. 17). O passo da migração inclui uma chance de começar do zero, de ser livre para novas chances e oportunidades. Ainda assim, quando o indivíduo reflete sobre sua própria situação como migrante, sua primeira pergunta – e possivelmente a única – será "de quê eu me livrei?" ou "estou livre de quê?". Na maior parte dos casos, a resposta será: "Não sei, mas sinto saudade do meu *'Heimat'*". Isto mostra a falta de orientação do migrante. O termo *'Heimat'* vai surgir de alguma forma, pois ele provavelmente se origina na infância ou mesmo nos primeiros anos de vida da pessoa (Flusser, 2007, p. 18). Por exemplo, a palavra "*Sauerkraut'*" (*chucrute*) desperta em mim emoções que são difíceis de analisar. Além da fome, que é uma sensação bastante clara, essa

palavra desperta memórias combinadas com questões familiares, memórias de experiências individuais em que eu comi esse prato, e me faz lembrar do gosto de uma coisa que é tão conhecida, que eu posso chamá-la de *'Heimat'*, ou pelo menos parte dele. Geralmente, o *'Heimat'* é uma combinação de muitos fatores diferentes, que ainda variam de pessoa para pessoa. A palavra alemã *'Heimweh'*, ou a palavra inglesa *'homesick'*, não expressa esse sentimento descrito acima; mesmo o termo francês *'nostalgie'* não se aplica. Talvez a palavra *'saudade'*, do português, tenha um sentido equivalente a esse sentimento, que não pode ser descrito em palavras (Flusser, 2007, p. 18). Cada um de nós já sentiu isso e sabe como é, mas é muito difícil descrevê-lo e analisá-lo. Não é possível descrever este sentimento incerto de ter saudades de casa, que não é exatamente o que se descreve como *'homesickness'*. O sentimento de *'homesickness'* pode ser definido e identificado, mas esta estranha mistura não é tão fácil de identificar. O sentimento de *'homesickness'* é, principalmente, um desejo de estar em um local geográfico que é muito familiar e onde a pessoa se sente “em casa”. Mas este outro sentimento vai em uma direção diferente. O “Sauerkraut” (chucrute) não está ligado a um local específico; posso comprá-lo e comê-lo na América do Sul, a uma grande distância da origem do prato, que é a Europa Central. Estamos falando, portanto, de mais do que uma ligação a um certo local; toda a história da socialização da pessoa está envolvida. Por isso, este sentimento não se encaixa em nenhuma categoria de *'homesickness'*. É mais do que isso.

'Heimat' é, provavelmente, o desejo de um lugar que é como um sonho, mas não pode ser alcançado porque o sonhador está em outro lugar. Esta pessoa se mudou, foi para outra cidade, outra região, outro país, ou até mesmo outro continente. Talvez a mudança para outra cidade não seja um passo tão grande, pois algumas coisas nunca mudam; algumas coisas podem ser encontradas em qualquer lugar, e assim elas dão o sentimento de *'Heimat'* à pessoa, são parte dos laços místicos. É necessário, então, começar a romper esses estranhos laços que ligam a pessoa ao outro lugar. Enquanto esses laços ligarem a pessoa, ela não poderá experimentar nenhuma liberdade. Vilem Flusser expressa isto com uma sentença simples: “Um homem não é uma árvore” (Flusser, 1999). Como as árvores adultas estão profundamente enraizadas no solo que as rodeia, elas só podem ser removidas através de uma força muito intensa, como um vento muito forte, ou um lenhador com uma moto-serra. Uma árvore jovem é como grama ao vento: é flexível e se dobra em muitas direções diferentes, e pode ser facilmente removida do solo; mas, quando cresce e fica mais forte, ela também fica mais enraizada na terra, e fica muito mais difícil removê-la do solo. Ela se fortalece em seu ambiente e desenvolve laços – que são suas raízes – com o espaço ao seu redor. O carvalho da Alemanha muitas vezes é utilizado como símbolo da força de uma árvore. Embora as sementes e esporos das plantas sejam transportados pelo vento para muitos lugares, a planta que os envia permanece no mesmo local. Metaforicamente, podemos dizer que o descendente de uma árvore é um migrante; o seu *'Heimat'* é a árvore e a área em torno dela. O descendente procura um lugar para se instalar, se desenvolver, e crescer.

3. Códigos e o *'Heimat'*

Um sem-teto não é necessariamente uma pessoa sem um *'Heimat'*. Cada um de nós carrega várias entidades de *'Heimat'* dentro de si, e move-se livremente entre elas. Isto é comparável ao conceito de *'campo'* de Bourdieu, no seu sentido mais amplo (veja Bourdieu, 2003). Flusser afirma que o movimento entre as várias entidades não é possível na realidade, pois elas não seriam formadas por regras conscientes e sim por

costumes e hábitos inconscientes, que não são escritos, e não são oficiais (Flusser, 2007, p. 21). Sociólogos e antropólogos discordariam, pois, para eles, o migrante poderia se mover entre essas entidades, já que elas são chaves que abrem portas, mas na realidade isto é impossível (Flusser, *ibid.*). Para poder emigrar para um *'Heimat'* como esse, o migrante precisa aprender esses códigos e costumes secretos, e depois esquecê-los novamente (Flusser, *ibid.*). Se o migrante de fato toma consciência de um tal código, então as regras que se aplicam ao código tornam-se muito simples e banais. É por isso que o migrante precisa esquecer essas regras o mais rápido possível: porque esta é exatamente uma das razões pelas quais o migrante simboliza uma ameaça ao local: ele mostra a banalidade do *'Heimat'*, que, para o residente, é algo belo e sagrado. A beleza do sagrado é desconstruída e mostrada como um simples objeto da razão. Este processo gera um polêmico diálogo entre as duas contrapartes, que resulta em: *pogroms* e violência contra o migrante – que aconteceram com grande frequência no passado e ainda acontecem, especialmente em momentos de crise econômica, quando a sociedade procura por um bode expiatório –, uma transformação do termo *'Heimat'*, ou a liberação dos locais de seus próprios laços (Flusser, 2007, p. 21). Esta transformação pode ocorrer de várias formas. Não é realmente surpreendente que o migrante se transfira de um *'Heimat'* a outro, se ele é livre para ver o que o novo *'Heimat'* tem a oferecer e aceita isto como uma nova oportunidade. Mas também pode haver uma transformação do conceito de *'Heimat'* para os residentes locais, que percebem que o seu *'Heimat'* é algo banal, e que o migrante é apenas um reflexo de sua própria percepção do mundo.

Quando Flusser veio para o Brasil, ele teve que se livrar do seu passado europeu, que ainda estava presente para muitos outros europeus no momento de sua emigração: o passado de câmaras de gás e perseguição aos judeus. Quando ele se viu livre desse passado, ele estava livre para entrar em um novo *'Heimat'*, onde não havia preconceitos e havia dignidade para a pessoa humana (Flusser, 2007, p. 23). Naturalmente, ele teve que pensar em uma forma de conquistar para si esse novo *'Heimat'*, pois ele não tinha conhecimento prévio dos códigos brasileiros. Era um mundo novo, e uma experiência completamente nova para ele. O Brasil, e especialmente São Paulo, é muito diferente dos lugares que ele tinha conhecido antes, que eram Praga e Londres. Era a época em que começavam a surgir os primeiros sinais de que São Paulo se tornaria uma megalópole. Novas influências estavam sendo trazidas do exterior pelos refugiados políticos e se misturavam à vida brasileira; além disso, a migração no interior do Brasil também se iniciava, trazendo códigos culturais de outros estados do Brasil para São Paulo. Os códigos culturais que um estrangeiro precisa adquirir e memorizar são uma rede invisível que só os locais conhecem; muitas vezes é absolutamente impossível para um estrangeiro e forasteiro, que não vem do mesmo círculo cultural, aprender. Eles permanecem um mistério a ser descoberto, e, muitas vezes, um absoluto segredo, ao qual só os membros de uma sociedade secreta têm acesso – neste caso, a sociedade nativa do país que recebe o migrante. É por isso que muitos migrantes acham que não encontraram um novo *'Heimat'* na terra estrangeira; eles só moram naquele local, levam para lá o *'Wohnung'*, um lugar para viver. O outro lado da moeda é que os migrantes trazem seus próprios códigos e, muitas vezes, ficam entre eles, já que não entendem, ou não tentam entender, os códigos do país que os recebe. É assim que o *'Heimat'* difere do *'Wohnung'*, embora os termos sejam frequentemente utilizados como sinônimos. Até mesmo um sem-teto tem um local para viver: pode até ser um cantinho seco debaixo de uma ponte. *'Wohnung'* é uma coisa que o ser humano pode ter em qualquer lugar; mas *'Heimat'* é uma coisa completamente diferente.

Como podemos ver, o termo *'Heimat'* não é fácil de definir; no entanto, a perda do *'Heimat'* definitivamente causa dor e sofrimento, devido aos laços místicos que eu

mencionei anteriormente. Esses laços “puxam o migrante, porque eles questionam a sua liberdade, obtida com muita dor e sofrimento” (Flusser, 2007, p. 19). O ser humano adquire seu primeiro ‘*Heimat*’ pelo nascimento, sem que ninguém lhe pergunte se aquele é realmente o lugar onde ele (ou ela) deseja viver. Ninguém pergunta ao humano se ele quer nascer. Os pais também nunca perguntam ao seu bebê recém-nascido se ele quis nascer; nem se sabe se um bebê recém-nascido já tem livre arbítrio, o que é essencial para um ser humano, pelo menos para o adulto. As crianças precisam receber alguma orientação dos seus pais, como as ciências educacionais já provaram. Com essa orientação, elas podem desenvolver seu livre arbítrio e começar a usá-lo. O ser humano cresce e se socializa em um certo ambiente, e desenvolve laços com o ambiente que o cerca, assim como laços de responsabilidade pelos outros seres humanos em torno dele. Esses laços são impostos ao indivíduo pela sociedade e pelos seus pares. Quando uma pessoa decide se tornar um migrante, são esses laços que vão causar a dor que o migrante sente no seu novo local; mas o migrante deve reconhecer que agora ele é livre para escolher os seus próprios pares. É a liberdade de escolha e a liberdade de criar novos laços; mas esses laços devem ser uma rede entretecida, que pode ser quebrada, pois foi deliberadamente escolhida. Estes laços não são feitos de materiais eternos; eles são como um nó Górdio, que pode ser cortado, desde que alguém tenha a coragem para isso. O ato em si pode ser muito doloroso; a espada para cortar este nó Górdio deve ser afiada e adequada, ou vai cortar até a metade do nó e ficar entalada; neste caso, inicia-se o verdadeiro sofrimento, pois o migrante não sabe se o nó está ou não está cortado. Ele ficará inquieto, deprimido, e não saberá se deve se mover para frente ou para trás. O resultado será uma pessoa completamente perdida, constantemente em busca do ‘*Heimat*’.

Para Flusser, ‘*Heimat*’ não é um termo geográfico, pois, como já dissemos, o indivíduo não pode escolher seu primeiro ‘*Heimat*’, sendo “jogado” nele. Para ele, ‘*Heimat*’ inclui os humanos em torno do indivíduo, com quem ele criou laços. Ele se sente responsável por eles, assim como eles se sentem responsáveis por ele (Flusser, 2007, p. 26). Isto não significa que o indivíduo seja de fato responsável por muitas pessoas, como, por exemplo, por um bilhão de chineses. Mas se o indivíduo realmente quiser encontrar um ‘*Heimat*’ em outras pessoas, ele ou ela deve se sentir responsável por elas (Flusser, *ibid.*). Este laço pode ser chamado de “amizade”, um sentimento que também inclui alguns termos de afeto; mas amizades também podem ser rompidas. Sempre há dois lados; uma pessoa dá e a outra recebe. Quando uma pessoa dá mais, a outra recebe mais. Quanto mais forte esse laço, mais difícil de romper, cortar, ou esquecer. Frequentemente, laços como esses duram a vida inteira, e não permitem que as pessoas se tornem migrantes. O sentimento de responsabilidade por outra pessoa é um sentimento muito forte. Mais uma vez, percebemos que ‘*Heimat*’ é um termo abstrato; não é comum pensarmos que alguém pode ter seu ‘*Heimat*’ em uma ou mais pessoas em torno dele.

A História já nos mostrou, no passado, que o termo ‘*Heimat*’ pode ser usado politicamente. É um termo abstrato que foi abusado para defender tendências nacionalistas. Os códigos tinham sido alterados, os migrantes não eram mais bem-vindos, e muitas vezes os próprios nacionais eram perseguidos por serem diferentes da imagem icônica ideal. As tendências nacionalistas geram levas de migrantes em busca de um novo ‘*Heimat*’ e de um novo ‘*Wohnung*’, ou seja, em busca de liberdade.

4. O migrante nômade, *Heimat* e *Wohnung*

O ser humano tem sido nômade desde que entrou na História da Terra. Movimentos migratórios, grandes ou pequenos, atravessaram o planeta através dos séculos, e ainda há grandes tendências migratórias de e para a maior parte dos países do mundo. O termo “fortaleza da Europa” expressa bem a falta de desejo de receber migrantes de outras partes do mundo quando eles não têm utilidade nas economias de destino. Os nômades não são bem-vindos.

Pessoas sedentárias ficam sentadas, e os nômades migram. Flusser explica: “as pessoas sedentárias podem ser localizadas no espaço, porque elas têm um endereço fixo, enquanto os nômades precisam do contínuo espaço-tempo para serem localizados. [...] para sedentários, basta dizer ‘esquina da quarta avenida com a rua cinquenta e dois, em Nova York’, mas para nômades, você precisa acrescentar ‘dez de abril de 1999 (mil novecentos e noventa e nove)’” (Flusser, 2007, p. 58). Os dois tipos de pessoas têm seu lar, seu ‘*Wohnung*’, com eles, pois todo humano é um ser ‘*wohnendes*’. As pessoas sedentárias têm um lar transfixado, que não é móvel, mas os nômades carregam seu lar onde quer que estejam. Sedentários e nômades precisam de um lugar para viver, um ‘*Wohnung*’, pois ambos são seres humanos que precisam de abrigo e proteção contra os elementos da natureza. É por isso que os seres humanos sempre buscaram algum tipo de moradia. Mesmo hoje em dia, quando há muitos locais para os sedentários, a busca por moradia não acabou. As pessoas sedentárias constroem casas individuais para viver, preferindo o processo de construção à compra de uma casa já existente. Algumas vezes, parece que o sentido da vida é construir uma casa.

Segundo Flusser, os humanos do período Paleolítico eram nômades típicos (Flusser, 2007, p. 62). Eles migravam de um local para outro e nem sequer consideravam a hipótese de se acomodar, construir assentamentos e tornar-se sedentários. Eles iam de local para local como o vento, não tinham bens próprios, e mudavam de lugar conforme o seu desejo. No período Neolítico, começou a surgir a divisão entre nômades e sedentários. A dialética entre ‘sentar-viajar’ não acabou quando o ferro e o bronze decretaram o fim da Era da Pedra. Pelo contrário, ela ficou mais forte. Quando as primeiras civilizações surgiram no mapa da História da humanidade, as tribos nômades e os guerreiros tentaram invadi-las, em busca de propriedades. Por que essas civilizações não conseguiram civilizar os nômades? E por que os nômades não se adaptaram a essas civilizações? A resposta é que os nômades querem ter propriedades mas não querem ficar, e os povos civilizados ficam obcecados com a migração assim que entram em território nômade (veja Flusser, 2007, p. 63). Esses povos começaram a se mover, cada vez mais, para novos territórios, conhecidos ou desconhecidos. Eles se tornaram nômades; tornaram-se migrantes em um sentido mais amplo.

Então, o que é tão fascinante no migrante? Será o ‘*Heimat*’ que ele carrega com ele? Será a fascinação de ser um estranho e todos os mistérios que vêm com isso? Será o medo de que o próprio ‘*Heimat*’, considerado belo pelos sedentários, seja mostrado como uma entidade banal pelo migrante? É difícil encontrar uma única resposta para todas essas questões. Poderíamos responder a cada uma delas com um ‘sim’, mas isso não seria suficiente. Precisamos de uma visão mais diferenciada, pois um migrante é um ser humano com todas as suas vantagens e desvantagens, todos os seus atributos, assim como um ser humano sedentário. A principal diferença reside nos vários conceitos de ‘*Heimat*’ e liberdade de escolher o que e quem quiser. “Um homem não é uma árvore” (Flusser, 1997).

Bibliografia:

- Bourdieu, Pierre La distincion, critique sociale du judgement, Les éditions de minuit, Paris, 2003
- Flusser, Vilem Heimat und Heimatlosigkeit, Audio CD, Suppose Verlag, Cologne, 1999
- Flusser, Vilem Wohnung beziehen in der Heimatlosigkeit, in: Flusser, Vilem: Von der Freiheit des Migranten, Europaeische Verlagsanstalt, Berlin, 2007, p. 15 – 34
- Flusser, Vilem Nomadische Ueberlegungen, in: Flusser, Vilem: Von der Freiheit des Migranten, Europaeische Verlagsanstalt, Berlin, 2007, p. 55 – 64

